



Patriarcado de Lisboa – Serviço da Juventude
Respostas ao questionário dos organismos ligados à Pastoral Juvenil

1. De que modo ouvis vós a realidade dos jovens?

Participação activa dos jovens na elaboração do plano pastoral de paróquias, movimentos e colégios através da presença de alunos na equipa pastoral.

Avaliação aberta de actividades e realização de plenários e assembleias de jovens.

Estar com os jovens, criar relação – estabelecer laços de modo que os jovens se sintam verdadeiramente amados, valorizados pelo que fazem e sobretudo pelo que são.

Dar espaço e estar atento.

Escutá-los, em ambiente informal, em conversas e a partir da sua realidade concreta, acompanhando pessoalmente no seu discernimento, numa perspectiva de acolhimento e sem julgamento.

No caso concreto dos sacerdotes, a existência de um horário adequado aos tempos quotidianos dos jovens, para conversas e/ ou confissões e ainda a disponibilidade para acompanharem os grupos nas suas actividades.

Aposta nas escolhas e formação de animadores que estão naturalmente mais perto dos jovens.

2. Quais são os principais desafios e quais as oportunidades mais significativas para os jovens do vosso país hoje?

Desafios

Perante famílias que estão normalmente paganizadas ou a viver uma mera religiosidade natural, ou desestruturadas, conseguir amadurecer e viver a fé, tornando-se um cristão adulto.

Ser católico numa sociedade consumista e despida de valores espirituais. Perceber que é possível ser moderno e divertir-se como todos os outros jovens tendo sempre Deus presente em todos os momentos e situações das suas vidas.

Assumir compromissos tendo em conta o que os rodeia: exemplo de famílias instáveis, a desvalorização do amor e a cultura do descartável.

Vencer a inércia provocada pelo facilitismo.

Conciliar as inúmeras actividades em que estão envolvidos e as solicitações, aprendendo a dinâmica da escolha e da renúncia. Sentir motivação, pois perdem facilmente o interesse e querem resultados no imediato.

Procurar e encontrar adultos significativos e com coerência de vida e disponibilidade de acompanhamento.

Descobrir “pilares”, valores próprios: ganhar identidade contra o relativismo e ter confiança em si próprio e nas suas opiniões. Tomar decisões de opção de vida coerentes com a sua fé.

Apesar do barulho excessivo trazido pelos media e pelas redes sociais, ter noção da sua privacidade decorrente da tomada de consciência da sua dignidade como pessoa.

Sentirem-se parte de um CORPO, de uma sociedade, vencendo o individualismo, o isolamento, a competição, a pressão de ser o melhor.

Oportunidades

A facilidade de acesso à informação – redes sociais, *apps* e tecnologias - e a diferentes experiências.

Mobilidade – facilidade de viajar com fins recreativos ou de estudar / trabalhar num outro país, proporcionando conhecimento de outras realidades e culturas.

Acesso a atividades concretas que lhes permitem desenvolvimento pessoal e social, como o voluntariado.

Viver num país em paz

3. Que tipos e lugares de agregação juvenil, institucionais e não, têm maior sucesso dentro do âmbito eclesial, e porquê?

Jornada Mundial da Juventude
Comunidade Ecuménica de Taizé
Jornada Diocesana da Juventude
Acções de voluntariado
Missão Pais (universitários)
Semanas missionárias
Núcleos de estudantes católicos (universitários)
Campos de férias
Eu Acredito
Escutismo
Dias nacionais de Movimentos
Festivais da Cancão

4. Que tipos e lugares de agregação juvenil, institucionais e não, têm maior sucesso fora do âmbito eclesial, e porquê?

Voluntariado social
Redes sociais
Desporto
Festivais de Verão
Concertos

5. O que pedem concretamente os jovens do vosso país à Igreja hoje?

Pedem uma demonstração de verdade no que professamos e no que vivemos.

Pedem testemunhos verdadeiros de fé.

Pedem afecto ou mesmo amor traduzido em acolhimento, proximidade, acompanhamento espiritual pessoal.

Desejam a figura paterna de quem indica um caminho a seguir, passos possíveis para o percorrer, correções e perdão no caso de errar. Por outro lado, também precisam da figura materna de quem acolhe sempre, prepara um lugar e aguarda com paciência os tempos necessários para o crescimento em liberdade.

Pedem respostas às suas preocupações normais: como lidar com uma família desestruturada, como e porquê viver a sua sexualidade de forma casta, como ser bem sucedido com honestidade e justiça, um sentido para a dor e para vida.

Pedem que a Igreja não seja relativista nos assuntos actuais muito abordados (namoro, comunhão, etc.). Que não tenha medo de ser firme, porque, apesar de parecer que os jovens não gostam de ser exortados, a verdade é que eles gostam da exigência, de aspirar ao mais alto.

Pedem simplicidade, coerência, clareza na transmissão na mensagem.

Uma igreja aberta ao mundo, as novas linguagens.

Pedem que lhes dêem voz.

6. No vosso país que espaços de participação ocupam os jovens na vida da comunidade eclesial?

Na evangelização – são catequistas, animadores.

Na Eucaristia – coro, leitores e acólitos.

Organização e envolvimento em actividades paroquiais e de movimento – procissões, peregrinações, retiros, angariação de fundos.

Organização e envolvimento em actividades de cariz social promovidas pelas suas paróquias ou movimentos – visita a doentes, a presos, angariação de alimentos para famílias carenciadas.

Presença nos órgãos pastorais de comunhão e participação.

7. Como e onde conseguis encontrar os jovens que não frequentam os vossos ambientes eclesiais?

Contacto personalizado – ir ao encontro mostrando a sua fé, com o seu testemunho – convidando, interpelando, contando a sua experiência de vida em Igreja, nos ambientes escolar, familiar ou laboral.

Propondo iniciativas voluntárias, de carácter bastante aberto, não partindo do princípio que a adesão é garantida ou que os participantes são católicos.

Iniciativas de primeiro anúncio - Missões populares, Curso Alpha – ou de integração – peregrinações, Taizé.

8. Qual é a participação das famílias e das comunidades no discernimento vocacional dos jovens?

No geral, há um profundo desconhecimento e vivência da vida como vocação. Por isso, é muito raro encontrar famílias ou comunidades capazes de ajudar os jovens nesse caminho de discernimento pessoal.

Quando existe participação esta pode traduzir-se na valorização por parte das famílias dos sinais de vocação dentro do seu próprio lar, seja consagrada seja para o matrimónio.

Promoção nas comunidades da partilha de testemunhos concretos de vivência das diversas vocações à luz da Igreja.

Acompanhamento de sacerdotes, presença de seminaristas e comunidades religiosas nas paróquias.

Acompanhamento por parte de catequistas quando surge um sinal de vocação.

9. Quais são as contribuições para a formação no discernimento vocacional por parte de escolas e universidades, ou de outras instituições de ensino (civis ou eclesiais)?

A escola e as universidades têm um papel muito relevante no que respeita ao discernimento vocacional/profissional do jovem, no sentido de os ajudar a descobrir os seus talentos e a tentar que os ponham a render no futuro.

Nas universidades destaca-se a existência de Núcleos de Estudantes Católicos – NEC's, e em algumas instituições de um Capelão.

Em escolas católicas, a existência de grupos responsáveis pela dinamização da pastoral junto dos jovens.

Nas escolas civis, a presença de professores de EMRC, formados pela Diocese.

Apesar da dificuldade, a realização de actividades ligadas à Igreja nas escolas estatais, devidamente autorizadas, com a presença de sacerdotes ou jovens em missão.

10. De que modo avaliais a mudança cultural determinada pelo desenvolvimento do mundo digital?

Como premissa, é preciso dizer que esta "mudança cultural" está em desenvolvimento e continuamente suscita novas questões. É um mundo que nos escapa muito pela sua dinâmica e velocidade, não obstante os esforços que são feitos por parte de quem está envolvido no trabalho eclesial.

Apontamos factores positivos e negativos e também o papel / acção da Igreja neste contexto.

Positivos

É um mundo de oportunidades, que leva todos mais longe mais rápido, e torna tudo próximo, imediato e fácil - oportunidade de solidariedade e partilha de conhecimentos, comunicação e acesso à informação mais global e imediata. Também por isto os jovens podem explorar e encontrar diversos espaços de interesse.

Negativos

O contacto é fácil e rápido mas inibe o contacto pessoal, o conhecimento mútuo e verdadeiro – gera uma falsa percepção da intimidade e muitas vezes as relações digitais substituem as relações humanas.

Isolamento - cada vez mais o digital vai fazendo com que os jovens se fechem neles próprios, num mundo virtual, idílico, e distante da realidade.

Alienação - excessiva dependência que leva ao alheamento do que se passa a sua volta.

Relativização de problemas graves ligados à presença dos jovens no mundo digital - défices de atenção, incapacidade de relacionamentos normais, adição a jogos, pornografia, vulnerabilidade (recrutamento / aliciamento para actividades ilícitas ou mesmo criminosas)

Igreja

Necessidade da presença activa da Igreja no mundo digital, com a coragem e a criatividade para apresentar espaços e experiências profundas e humanizadoras.

É fundamental que a Igreja se empenhe na educação e o acompanhamento dos jovens, para poderem discernir o certo e o errado, num mundo que não coloca limites.

11. De que maneira as Jornadas Mundiais da Juventude ou outros eventos nacionais ou internacionais conseguem entrar na prática pastoral ordinária?

A JMJ, e outros eventos internacionais similares, envolvem e mobilizam um grande número de jovens.

Na preparação há oportunidade para jovens porventura mais distantes da Igreja se aproximarem pela motivação de participação num evento tão marcante. Há um caminho espiritual em conjunto e até a realização de inúmeras actividades para angariação de fundos unem e criam uma meta comum.

Durante a realização desses eventos há a oportunidade de um primeiro anúncio, de um encontro com outros jovens de todo o mundo que gera empolgamento, noção universal da Igreja, espírito de grupo e entreajuda.

Depois desses eventos fica em muitos casos uma vontade de continuar fazer caminho juntos, por vezes até com grupos e jovens de outros pontos do mundo.

Os frutos eclesiais não são assim tão grandes mas muito marcantes, traduzidos muitas vezes numa conversão e no crescimento e fortalecimento da fé.

12. De que forma nas vossas Dioceses se projectam experiências e caminhos de pastoral juvenil vocacional?

Projectam-se bem com ideias e projectos que são bem pensados e trabalhados mas nem sempre há uma adesão correspondente ao empenho.

Falta maior dimensão sistemática e orgânica que ajude a passar de eventos a processos e itinerários.

Necessidade de envolver outras realidades – pastoral familiar, da juventude e seminários – para se conseguir uma maior dimensão sinodal do trabalho vocacional.

13. Que tempos e espaços dedicam os pastores e os outros educadores ao acompanhamento espiritual pessoal?

Há desejo e necessidade de maior acompanhamento, de escuta sem pressas, mas quer os sacerdotes quer os leigos têm dificuldade e disponibilidade para responder à procura.

Na realidade, muitas vezes são os leigos que assumem este papel, concretizado na figura do catequista, educador ou animador. Mas aqui levanta-se muitas vezes a questão da continuidade, porque são ciclos relacionais que inevitavelmente terminam.

Exemplos dados para promover o acompanhamento pessoal: criar um espaço físico próprio, reservar tempo concreto na agenda, promover reflexões diárias em ambiente escolar envolvendo alunos e educadores despertando para um carisma de presença.

O acompanhamento espiritual pessoal não é muitas vezes valorizado como fundamental para o crescimento da fé dos jovens, e por isso não há uma proposta activa por parte de quem tem formação e por missão fazê-lo. E um jovem não vai procurar aquilo que não sabe que existe.

14. Que iniciativas e caminhos de formação são postos em prática para os acompanhadores vocacionais?

Propostas de formação para agentes paroquiais que têm muito pouca procura, semanas anuais e nacionais de formadores de Seminário, formações anuais para agentes nos institutos religiosos.

15. Que acompanhamento pessoal é proposto nos seminários?

Conversas formativas, direcção espiritual, confissões frequentes, convívio fora de ambiente de seminário.

EUROPA

A. Como ajudais os jovens a olhar para o futuro com confiança e esperança, a partir da riqueza da memória cristã da Europa?

É uma questão que não é valorizada e deveria ser. E por isso são difíceis de registar actividades concretas que levem a isso.

O ambiente educativo ainda é onde mais se trata esta questão, através das aulas de EMRC, do estudo da história, da filosofia, da arte, da simbologia crista, de visitas a monumentos, etc. Contudo, esta valorização é tão mais importante tendo em conta o ambiente hostil e de perseguição, violenta ou subtil, que se vive na Europa contra os cristãos, com branqueamentos da memória cristã e da valorização exagerada de outras heranças completamente alheias às fundações cristãs no nosso Continente.

Os jovens tendem a olhar para o futuro e não para o passado, mas não com a consciência do valor da herança cristã da Europa, que conduziria a uma atitude de confiança e esperança.

B. Muitas vezes os jovens sentem-se descartados e rejeitados pelo sistema político, económico e social em que vivem. Como ouvir este potencial de protesto, a fim de que se transforme em proposta e colaboração?

Criar espaço e tempo para escutar os jovens – as suas preocupações, ideias e projectos.

Fomentar comunidades que por um lado ajudem em situações concretas e por outro sejam lugar de envolvimento directo dos jovens em projectos em que eles são os protagonistas da solução. Além disso serem lugar de descoberta de que o Evangelho é operativo na vida.

Necessidade da Igreja dar o exemplo na aplicação e vivência da DSI, não se subtraindo ao diálogo com os responsáveis civis que pode levar à colaboração em projectos comuns, envolventes e edificantes para os jovens.

Dar formação política, económica e social aos jovens e incentivar ao seu espírito crítico construtivo; a falta de formação faz com que sintam o descontentamento mas não tenham instrumentos de como agir. A sociedade hoje como que anestesia a capacidade de pensar de forma crítica, de reconhecer e de agir frente aos “sinais dos tempos”. A Doutrina Social da Igreja é pouco conhecida. Fala-se pouco de vocação específica; mas também quase que não é transmitido que a profissão/trabalho também devem ser assumidos como resposta a Deus que chama a assumirmos o nosso lugar no mundo. Assumir cargos políticos, na economia ou na sociedade como vocação cristã laical é algo que deve ser transmitido aos jovens pelos agentes de pastoral.

C. A que níveis a relação intergeracional ainda funciona? E como voltar a activá-la quando ela deixa de funcionar?

Nas famílias, de forma natural; em comunidades paroquiais há espaço e momentos para este contacto e nos movimentos que têm isso no seu carisma, valorizando esse encontro e assumindo-o como natural e enriquecedor.

Constatação de que a geração “intermédia” dos 30-50 anos é menos activa na vida eclesial e por isso não interage tanto com os jovens.

Quando possível, não sectorizar actividades comunitárias pela idade; propor actividades aos grupos de jovens que promovam este contacto intergeracional; apresentar aos jovens pessoas de outras gerações como testemunho de fé ou de conhecimento sobre determinado tema.

PRÁTICA

A. Descrição

Nome: Terça.Com

Encontros semanais destinados a jovens com mais de 16 anos, sempre no mesmo local – uma Igreja em Lisboa - com diferentes tipos de destinatários:

1ª Terça de cada mês: Terça.Com Vocações Rapazes

2ª Terça de cada mês: Terça.Com Vocações Raparigas

3ª Terça de cada mês: Terça.Com Namorados - encontros para pares de namorados com mais de 18 anos.

4ª Terça de cada mês: Terça.Com Fé e Cultura (convidados que apresentam um tema e estimulam a discussão) **ou** Terça.Com a Palavra (convidados que conduzem uma Lectio Divina)

Os encontros e temas são pensados por uma equipa de Sacerdotes, que na Diocese são os responsáveis pela Pastoral Vocacional, Universitária e da Juventude.

Depois existem sub-equipas responsáveis pela preparação concreta e logística de cada encontro.

B. Análise

O objectivo é proporcionar aos jovens um momento de paragem para a oração, partilha e reflexão, no meio das semanas agitadas que todos vivem.

Terça.Com Vocações: Um encontro para escutar Deus e aprender mais como Ele Se diz.

Um tempo para perguntar: «Senhor, como queres que eu seja? Como queres que eu ame?»

Para rezar, deixar-se interpelar, colocar dúvidas, escutar, partilhar. Sem jogar às escondidas com Ele nem fechar-Lhe porta. Sem pressas em ter (todas as) respostas. Um caminho de liberdade para um horizonte de plenitude!

Terça.Com Namorados: olhar o tempo do namoro como tempo de discernimento, de descoberta da vontade de Deus, de aprofundamento do olhar sobre o outro e sobre mim.

Terça.Com Palavra: descansar e olhar a vida a partir de Deus, para crescer na profundidade e na intimidade, para voltar a partir.

Terça.Com Fé e Cultura: despertar a reflexão e a discussão de um tema da actualidade, de algo que esteja presente na vida dos jovens nos seus ambientes diários. Ver o mundo com o olhar de um cristão que está no mundo.

C. AVALIAÇÃO

Por ordem decrescente de sucesso:

- 1) Com o grupo de namorados, conseguiu-se uma caminhada consistente, com a passagem de conteúdos e espírito cristãos para a experiência de namoro segundo a vivência cristã. Isso vai provocando em vários dos participantes uma recuperação da alegria de viver o Evangelho no namoro, com as suas exigências, mas também no Matrimónio que se lhe segue muitas vezes. Tivemos testemunhos de casais cristãos que referiram quão importante foi esta caminhada para a sua família actual, incluindo uma feliz visão do amor, da entrega, da abertura à vida. Uma dificuldade, apesar de ter havido bastante adesão, é que nalguns casos há pouca continuidade no processo formativo.
- 2) Nos encontros à volta da Palavra e de temas da Fé e Cultura, houve bastante interesse dos presentes que eram em geral poucos. Essa circunstância provocou também algum desânimo de quem ia. Por outro lado, várias vezes, os convidados da sociedade civil contribuíram para que os jovens percepcionassem a vivência cristã como válida em vários ambientes profissionais e sociais.
- 3) Os encontros centrados nas vocações de especial consagração foram uma oferta válida para quem procurava entender-se nestas questões. É interessante também a experiência de quem participou no grupo de namorados e, já sem namorar, optou por participar neste, de acordo com o seu sexo. Por falta de uma maior divulgação e por outras razões mais gerais, estes grupos acabam por ser muito reduzidos e provocar um maior desânimo para a caminhada.